

À moda antiga

22 AGO 1989

ELIANE CANTANHÊDE

BRASÍLIA — Em conversa com um amigo, e depois em entrevista a uma rede de televisão, o presidente José Sarney usou o exemplo de Floriano Peixoto e Deodoro da Fonseca para garantir, ontem, que não patrocinará uma candidatura à sua própria sucessão — nem entre as que já estão colocadas, nem entre as que eventualmente venham a surgir no processo. "Eu serei o terceiro presidente da República a não ter um candidato", frisou Sarney nas duas oportunidades.



Há dez dias, o presidente analisou, num jantar na casa do ministro da Aeronáutica, brigadeiro Moreira Lima, que a sucessão ainda está indefinida e não se deve descartar o nome do empresário Antônio Ermírio de Moraes. Depois de publicada a informação na imprensa, contudo, Sarney explicou a amigos que não tinha a intenção de lançar o nome de Ermírio. Apenas falara em tese, analisando, à distância, o processo eleitoral.

Em suas últimas conversas, Sarney não demonstra a menor intenção de apoiar a candidatura de Fernando Collor de Mello. Não só pelos ataques frontais de Collor a seu governo e a ele próprio, mas também pela situação específica do Maranhão, onde o ex-governador João Castello, visceral inimigo da família Sarney, foi a primeira liderança significativa a collorir.

Um pequeno exemplo de que o presidente não tende a apoiar Collor vem do Rio de Janeiro. A vereadora Dayse Lúcida, aliada política do deputado Rubem Medina, carro-chefe da campanha de Collor no estado, estava aproveitando seu programa semanal de rádio para transmitir mensagens e entrevistas favoráveis ao candidato do PRN. O jornalista Antônio Martins, amigo pessoal de Sarney e presidente da Radiobrás, à qual a rádio é vinculada, telefonou para Dayse: "Se você quer manter seu programa, que

tem mais de 20 anos, é melhor ser imparcial, sem candidato".

A "Voz do Brasil", também da Radiobrás, tem uma audiência fixa de 5% da população e fluente de 60%. Seu poder de fogo, se transmitisse recados subliminares, seria respeitável. Mas continua absolutamente isenta na batalha pela presidência da República. Tudo por ordem direta do presidente José Sarney.

Enquanto Sarney citava Floriano Peixoto e Deodoro da Fonseca, alguns de seus mais próximos auxiliares preocupavam-se com o uso que Collor vem fazendo, na campanha, dos nomes e bandeiras de outros ex-presidentes — por sinal, os três últimos eleitos por voto direto na história brasileira: Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek e Jânio Quadros. O candidato do PRN é neto de Lindolfo Collor, ministro do Trabalho até romper com Getúlio, conseguiu a adesão da deputada Márcia Kubitschek, filha de Juscelino, e roubou a bandeira da moralidade que Jânio simbolizava com sua vassoura.

Às 16h45 de ontem, o ministro da Justiça, Saulo Ramos, telefonou para o secretário particular de Sarney, Augusto Marzagão, para discutir a oportunidade de uma viagem dos dois a São Paulo, para uma conversa com Jânio. Iria com eles, ainda, o ministro da Cultura, José Aparecido de Oliveira, que estava no Rio. Os três são antigos auxiliares ou velhos amigos do ex-presidente e querem que ele desautorize o uso de seu nome, por Collor, durante a campanha.

O único dos três que admite explicitamente a volta de Jânio ao quadro sucessório é José Aparecido. Dois outros janistas, contudo, descartam essa possibilidade: o ministro Roberto Cardoso Alves, do Desenvolvimento da Indústria e do Comércio, e o deputado Gastone Righi, líder do PTB, que se encontrou com Jânio no fim de semana.

Sarney via com simpatia as candidaturas de Jânio Quadros, Orestes Quêrcia ou Antônio Ermírio de Moraes. Como nenhum deles se aventurou em campanha, não lhe restou uma outra alternativa. O mais provável é que o atual presidente repita Floriano e Deodoro, ficando distante da sucessão. A não ser, claro, que haja fatos novos e imprevisíveis.